



Ressurreição - mesmo quando o mundo parece estar entrando em uma espiral fora de controle...

Quando observamos os acontecimentos que se desenrolam ao nosso redor — a guerra no Oriente Médio, a guerra na Ucrânia, conflitos armados em quase todos os continentes, turbulências econômicas, a crise energética, a escalada dos preços e, sem falar na crise climática com todas as suas consequências negativas — como podemos celebrar a Ressurreição? O que nos dá esperança diante de tudo isso?

Por isso, decidi não me concentrar desta vez na história tradicional da ressurreição de Jesus, que é, evidentemente, o ponto central das celebrações da Páscoa, mas sim aprofundar um pouco mais a Bíblia em busca de uma situação semelhante.

Ao fazê-lo, deparei-me com a história de Ezequias, que encontramos no Antigo Testamento, no Segundo Livro dos Reis e no Primeiro Livro das Crônicas. Ezequias foi rei do pequeno reino de Judá por volta de 700 a.C. O quadro que se desenha é semelhante ao de hoje, pois tudo ao seu redor indica que o mundo foi lançado no caos. As convulsões fazem com que o que seus antecessores no trono de Jerusalém tiveram de enfrentar pareça brincadeira de criança. Judá e os outros reinos da região veem um rolo compressor avançando sobre eles, ameaçando arrasar tudo o que havia perdurado por séculos.

O que aconteceu? Os assírios estabeleceram um império na Mesopotâmia (atual Iraque). Lá, sua crueldade (o que hoje reconhecemos como a primeira forma de propaganda terrorista) semeou o terror nos corações de toda a região. Eles lançaram uma ofensiva em direção ao sudoeste. O exército do Grande Rei assírio não apenas obrigou os vizinhos subjugados a pagar tributos, mas também deportou grande parte da população dos estados derrotados e instalou estrangeiros em seu lugar. Esse destino já havia se abatido sobre o estado de Israel, que faz fronteira com Judá ao norte (ver 2 Reis, capítulo 17). A queda de Samaria em 722 a.C. resultou na fuga de milhares de israelitas do Reino do Norte em direção a Judá.



Judá, situada na região montanhosa ao redor de Jerusalém, é significativamente menor do que Israel. Mas como Ezequias poderia deter esse ataque? Ele espera que o Egito, o poderoso vizinho ao sul, enfrente o agressor. No entanto, o povo de Judá sabe que seu rei, Ezequias, embora forçado a navegar entre as grandes potências, sempre deposita sua confiança em Yahweh. Ele se apega ao Deus dos israelitas, que trouxe glória a seus antepassados Davi e Salomão e estabilidade à terra. E o faz com consistência inabalável: Ezequias realizou uma reforma religiosa na qual os altos foram abolidos e os maseboth (monumentos de pedra) e asheroth (postes de culto) foram destruídos. Até mesmo a “serpente de bronze” Nehushtan ([Nm 21,4–9](#)), cuja origem remonta a Moisés, foi reduzida a pedaços. Assim, abre-se espaço exclusivamente para a adoração de Yahweh no santuário central de Jerusalém, e seus

mandamentos servem como princípio orientador para a política.

Os refugiados do país vizinho estão aumentando a população de Jerusalém. Mas a era de ouro da cidade chegou ao fim. Após uma década no trono, Ezequias ousa rejeitar as exigências audaciosas dos assírios. Ao fazer isso, ele provoca uma campanha punitiva. O rei assírio Senaqueribe envia

tropas; elas conquistam e saqueiam as cidades fortificadas de Judá. E então o cerco se fecha. Ezequias entrega todas as suas reservas de ouro e prata — até mesmo os ornamentos do templo recém-renovado. No entanto, isso não impede os assírios de demonstrar seu poder. Senaqueribe desafia Ezequias, alegando que ele não conseguiria reunir nem mesmo 2.000 cavaleiros, mesmo que lhe fossem dados tantos cavalos. “A confiança em seu deus Yahweh não trará sucesso a Ezequias”, zomba um alto funcionário na língua local diante das muralhas de Jerusalém, exigindo a rendição da cidade.

Então, o que fazer? Quando Ezequias toma conhecimento dos insultos e do desprezo que lhe foram dirigidos, rasga as vestes, veste um traje de luto (um saco) e ora a Deus. O profeta Isaías, quando consultado por ele, o encoraja a não temer e a confiar em Yahweh, mesmo nessa situação aparentemente sem esperança. “Assim diz o Senhor a respeito do rei da Assíria: Ele não entrará nesta cidade... Eu protegerei esta cidade e a salvarei” (2 Reis 19:32–34). E é exatamente isso que acontece: na noite seguinte — a Bíblia atribui isso à obra do anjo de Yahweh — 185.000 homens morrem no acampamento assírio. Esse relato bíblico está ligado ao relato de Heródoto, que atribuiu a morte dos soldados a uma praga de ratos. Alguns autores e estudiosos modernos veem isso como uma indicação de uma praga (a Peste Negra).

De qualquer forma, o rei Senaqueribe é forçado a abandonar o cerco e encerra sua campanha.

Ezequias, no entanto, impressiona como estadista por meio de sua integridade. Desde o início de seu reinado, ele permaneceu fiel a Deus e, por meio de seu exemplo pessoal, guiou seu povo a confiar Nele. No entanto, ele se vê em uma situação difícil. Em meio a uma situação desesperadora, ele se mantém firme em sua confiança e não vacila. Não é hora de se render, mas de ter fé e esperança. Na pior crise, Deus está ao lado de Ezequias e lhe mostra: vale a pena confiar. – Isso também é verdade hoje, para situações precárias de todo tipo.

Como tantas outras, esta história do Antigo Testamento mostra que podemos confiar em Deus, independentemente do que venha a acontecer. Ele nos dá esperança e nos infunde confiança; no entanto, não devemos presumir que isso aconteça da maneira como nós, por falta de visão — porque não conseguimos evitar —, esperamos e sonhamos que aconteça. Devemos nos render à Sua providência, que pode não ser imediatamente reconhecível como tal. Uma coisa é certa: somente por meio Dele a ressurreição é possível e alcançável para nós.



Presidente da ICDS

